

PATRICIA MORAIS

CHAMAS

coolbooks

*Para a Cláudia, por ter acreditado em Sombras
quando ainda era Sem Título*

Todos conhecemos os riscos de confiar nos outros. Desde muito cedo, as nossas mães explicam que o Capuchinho Vermelho não devia ter confiado no Lobo Mau, para aprendermos a ter cuidado.

Sabemos que os nossos corações são frágeis e, quando presenteados a uma mão de espinhos, facilmente podem ser perfurados.

Tratamos a nossa confiança como um tesouro precioso, partilhando-a apenas com os que se mostram merecedores.

Mas e quando sentimos que confiam em nós? Quando alguém nos dá uma gema, porque acredita que seremos capazes de a transformar num diamante?

Prólogo

A chuva e o vento fustigavam a janela, criando uma orquestra que Claudius Blanchard aprendera a apreciar como uma harmonia. Permaneceu sentado, com os longos dedos a dançarem na chávena de chá e alheio aos lobisomens sentados no seu melhor sofá francês, quando Madeleine entrou de rompante pela sala. Havia chama na maneira como se movia; os cabelos selvagens ondulavam atrás de si e parecia prestes a iniciar uma disputa ferosa com as cadeiras e os móveis, unicamente com o propósito de atenuar o seu aborrecimento.

– Lobisomens, outra vez? – perguntou num tom amargo, ao avistar três membros da alcateia de Davenport sentados num dos sofás e o restante membro, Isolde, de pé ao lado dos companheiros. Os seus rostos e a postura encolhida refletiam a angústia que sentiam, ao estarem na casa de um dos vampiros mais temidos da cidade, sem o poder que a lua-cheia lhes dava.

Claudius fechou os olhos enquanto ouvia as últimas notas da peça orquestral, *Badinerie*, de Bach, e pousou a chávena com delicadeza no pires. Sendo vampiro, não tinha necessidade para atos mundanos como comer ou beber; de facto, o sabor dessas atividades pertencentes a uma outra vida chegava até a ser desagradável, mas gostava do aspeto que lhe conferiam. Ninguém parecia planear uma vindicta quando tinha uma chávena de chá à frente.

Sorriu ligeiramente e apontou para o sofá em frente dos licantropos.

– Senta-te, *ma chère*.

– Prefiro ficar de pé. – Foi a resposta desafortada da rapariga, antes de se dirigir à gaiola de ferro, junto à parede, onde um pássaro chilreava. A sua irmã, Angelica, e o cunhado, Albert, também permaneceram de pé, sem partilharem, no entanto, a postura insolente do seu familiar. – Qual é a desculpa desta vez para nos aliarmos com os rafeiros? Não resultou muito bem antes.

Madeleine tocou na gaiola com a ponta do dedo indicador e o pássaro pigarreou irrequieto; a ação provocou uma gargalhada à vampira, que tocou na gaiola com mais força.

– Vingança. – A palavra foi pronunciada com tanto zelo que ninguém podia ficar indiferente ao valor que tinha para Claudius: o tom gritava “veneno”. – O meu amigo Randall percebeu o erro cometido ao não se aliar a nós na nossa última reunião, e entende como isso custou a vida a dois dos nossos entes queridos. Decidiu, portanto, pedir mais uma oportunidade. Fosse esta outra altura qualquer e estaria pronto para arrancar o coração do seu peito com as minhas próprias mãos.

– Então, porque não o fazes? – perguntou Albert. Continuava de pé, as mãos abraçadas atrás das costas e os ombros hirtos, na esperança de que isso o tornasse mais alto.

Claudius pousou as mãos sobre os joelhos.

– Não é por me encontrar num súbito espírito de benevolência, posso garanti-lo, *mon amie*, mas por nos encontrarmos na ventura de partilhar um inimigo comum. O nosso objetivo já não é só livrarmo-nos dos *venatori*, mas também garantir que Liam Kestner e Lilly Ashton sofram pela morte de Josete e Vanessa.

– Veronica – rugiu Albert.

– Isso.

– Seria de esperar que tivéssemos aprendido a não nos metermos com outras raças, depois do que aconteceu com o humano – retorquiu Madeleine, com um forte sotaque alemão. O pássaro ainda saltava exaltado na sua pequena gaiola cada vez que a vampira lhe tocava nas grades de ferro. Madeleine sorria maliciosamente.

Claudius lançou-lhe um olhar repreensivo e murmurou:

– Chega. – Em resposta, Madeleine adotou uma atitude desafiante, que Claudius considerava apenas desagradavelmente petulante. – O humano terá o fim entendido para ele no devido tempo. É claro que não contava que ele decidisse fugir de repente, mas quem pode culpá-lo? Afinal de contas, não cumpriu com o que lhe foi pedido.

– É por isso que quando queres um trabalho bem feito, mandas um vampiro fazê-lo. Não um humano, e muito menos um... – continuou Madeleine. Randall preparava-se para se levantar, mas foi travado por Claudius, que o sossegou com um simples meneio.

– Precisamos dos números – retorquiu.

Madeleine lançou uma gargalhada aguda e os lobisomens encolheram-se nos assentos, afetados pela sua audição apurada.

– Não, não precisamos – insistiu. – O que precisamos de fazer é entrar em *Venator* e matá-los a todos enquanto dormem. Afinal de contas temos...

Albert virou-se para Madeleine e lançou-lhe um olhar duro, prevenindo-a de falar à frente dos lobisomens, mas ela sacudiu as suas advertências com um gesto do braço e preparava-se para continuar quando Claudius a interrompeu:

– Guerras são ganhas com estratégias e não com impulsos descuidados, *ma chère*. Quantas vezes preciso de repetir?

– O tom dele era educado, mas Madeleine não apreciou ser criticada.

– Eles mataram a minha irmã! – gritou. – Não tenho paciência para ficar sentada a pensar em estratégias, enquanto eles andam por aí a matar mais dos nossos. Não tenho paciência para ficar à espera do momento certo e muito menos para me aliar a cães.

– Eles são dezasseis, com os vampiros – argumentou Randall, o único homem no grupo dos lobisomens e alfa da sua alcateia –, e nós somos apenas oito. Estás à espera de ser massacrada?

– Ninguém falou contigo, cão!

Nesse momento, Alianor levantou-se e dirigiu-se a Madeleine com os dentes arreganhados. A licantropa era bastante mais alta do que a vampira, mas Madeleine, de ar assassino, não se deixava intimidar por ninguém. Os seus caninos projetaram-se das gengivas e os olhos escureceram de imediato.

– A quem é que estás a chamar cão, sanguessuga?

Madeleine sibilou.

– Oh, eu disse cão? Desculpa, queria dizer chihuahua.

Alianor lançou-se contra Madeleine e esta, que se esquivou a uma velocidade impressionante, pegou na licantropa e arremessou-a para o outro lado da sala, como se pesasse o mesmo que uma almofada de penas. Alianor levantou-se sem dificuldade, com os olhos igualmente negros a cintilarem, e preparou-se para uma nova investida.

Claudius, enfasiado, colocou-se entre as duas mulheres no instante de um segundo.

Já ninguém se sentava confortavelmente nos sofás pretensiosos. Tanto a alcateia de Davenport como os Lebrun estavam prontos para investir, se necessário.

– *Mes chères*, não é preciso zangarmo-nos. Nós não precisamos

de gostar uns dos outros para trabalharmos juntos. A verdade é que abomino qualquer um dos presentes nesta sala. Só é necessário que nos foquemos no nosso objetivo comum: liberdade. Porque não haveremos nós de ser livres para caçar? Somos predadores – disse com entusiasmo –, tal como os humanos foram em tempos. Agora escondem-se em casas bonitas, a que chamam quintas, mas isso não os torna menos assassinos. Porque haveremos nós de mostrar misericórdia e evitar o alimento para o qual fomos criados, quando eles não o fazem? Eles não nos caçam por justiça, caçam-nos por medo. Medo do nosso potencial quando provamos sangue humano. Medo do que o nosso corpo e mente são capazes de atingir quando lhes fornecemos o que pedem. Isso, meus amigos, é o que queremos: liberdade para sermos nós mesmos. E depois de cumprirmos o nosso objetivo cada um pode seguir o seu caminho. – Madeleine exibiu um sorriso malévolo e cochichou algo com Angelica, que se mantivera sossegada até ao momento. Claudius ignorou-as e continuou: – É claro que não espero que as vossas mentes cheguem longe quando se trata de planear, uma vez que não possuem muitos anos de experiência. Mas estão todos a esquecer-se de uma coisa.

– O quê? – perguntou Randall, impaciente.

Claudius olhou para ele friamente, aborrecido por ter sido interrompido.

– Que o meu irmão, Louis, é chegado aos *venatori*.

– E em que é que isso nos ajuda? – Ylva, outra seguidora de Randall Davenport, voltou a sentar-se no sofá, após perceber que a ameaça estava neutralizada.

– A única coisa que precisamos de fazer é convencer Louis de que estamos certos em desejar os *venatori* fora de Jillian...

– Mortos em Jillian – murmurou Madeleine, entredentes.

– Algo que pode permanecer fora do seu conhecimento. Se o convencermos a juntar-se a nós, teremos informações acerca

deles como nunca obtivemos com Matthew. Ele podia ser um traidor, mas ainda era humano. Os humanos tendem a guardar informação como forma de autopreservação, algo que Louis não precisará de fazer.

Claudius não deixou transparecer a verdadeira razão pela qual queria que o irmão se juntasse a eles, pois tinha pouco a ver com vingança e fazia dele mais humano do que estaria disposto a admitir. Admitir que se sentia sozinho e desejava ter a sua única família a seu lado seria indigno de um vampiro como ele.

Isolde dobrou os pés, inquieta, e riu-se, de novo na sua posição de pé junto dos outros lobisomens.

– Estamos a falar do mesmo vampiro que protegeu a humana quando nos encontramos em *Venator*? Aquele que está enamorado pela caçadora?

Até mesmo Madeleine assentiu.

– Ninguém conhece o meu irmão como eu. A lealdade dele para com a família é bastante forte, e ele deve-me a sua vida. Em todos os séculos que vivemos, Louis sempre voltou para casa. No final, ele é sempre fiel a mim. Além disso, até que ponto a humana pensa que pode brincar com ele? Não demorará muito até os seus instintos se voltarem contra ela e, quando isso acontecer, estarei cá para o apoiar. Como sempre estive.

Capítulo Um

Acordei com a voz de Zhao.

O grito dela penetrou nos meus ouvidos e teve como efeito o despertar repentino do meu transe. Tentei levantar-me, mas umas algemas de ferro puxaram-me para trás. Zhao gritou de novo. Era um grito medonho e cortante que me rasgava a pele, como se a sua voz fosse feita de algo afiado.

Ao debater-me contra o que me impedia de chegar até ela, tentava ignorar o pensamento que insistia em aflorar. A criatura que lhe estava a causar aquele tipo de dor atacar-me-ia a seguir. A questão era: será que só viria quando já fosse demasiado tarde para Zhao?

Parei de lutar contra as grilhetas e encostei a cabeça às correntes, enquanto tentava avaliar a situação. Tínhamos sido apanhadas de surpresa por um *mare*; tentáramos emboscá-lo e acabáramos suas vítimas. *Raios!* Nada de bom provinha de algo feito de cabeça quente.

Bem, pensa pelo lado positivo, ao menos agora já sabes que ser amarrada não é um dos teus fetiches.

Procurei Shianne na mesma sala. Nolan enviara-nos primeiro para tratar do *mare* – criaturas impulsionadoras de pesadelos – mas, ao ver o tempo passar sem conseguirmos encontrar o seu esconderijo e planear como atacá-lo, Nolan ponderara a hipótese de a criatura ser mais astuta e perigosa do

que estimara. Sem querer correr o risco de nos deixar vulneráveis, enviara Zhao como *backup*. Mas fizemos asneira e agora tínhamos o nosso *backup* aos berros na sala ao lado.

Senti movimento à minha direita e, quando a figura levantou a cabeça, pude ver o cabelo loiro e espetado de Shianne, através dos pequenos feixes convergentes de luz que entravam na sala.

Ok, pensa! Mas tenta não demorar muito tempo.

Fechei os olhos. 1... 2... 3... *Respira fundo.*

O ar era pesado e húmido, coberto de partículas de pó, e tive de me conter quando um ataque de tosse se quis manifestar. Torci o nariz e observei o que me rodeava.

Estávamos numa sala escura, num edifício abandonado, sem dúvida. O silêncio, quando não interrompido pelos gritos de Zhao, era inquietante. Os aposentos da nossa criatura pareciam ter sido sujeitos a renovações nunca terminadas; havia ferramentas espalhadas, algumas vigas de madeira a apodrecer e uns quantos pregos dispersos, mas nenhum ao alcance. *Raios! Vai ajudar muito.*

Tentei ignorar as pequenas pegadas no chão coberto por uma camada espessa de pó, provenientes da abertura na parede que servia de porta, não querendo pensar novamente no facto de o *mare* ter levado a melhor sobre nós.

Shianne gemeu e começou a despertar. Suspirei de alívio.

– Shianne! Estás bem? – Quase gritei.

– Ouch, Ashton. Diminui um pouco o volume pela manhã.

– Shianne inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos com tanta força que começaram a formar-se rugas à sua volta. Estava, decerto, a tentar aliviar uma dor latejante. – Aquele monstinho apanhou-nos bem, não? Quão má é a situação? – perguntou, olhando para mim pela primeira vez. Notava-se a experiência de Shianne nestes casos, mas creio que por mais experiência que tivesse, a situação não deixava de ser aflitiva.

– Ainda não sei bem, mas ele tem a Zhao. Às vezes oiço-a gritar, mas não consigo entender o que lhe estará a fazer. E ainda não apareceu desde que acordei, não me parece que ande à vez. Acho que só vai voltar quando tiver mesmo acabado com ela – respirei fundo, tentando controlar o medo.

– Tens algum plano de fuga?

– Não. Ele tirou-me as armas todas, até mesmo as facas escondidas nas botas. Tens alguma? – Shianne bateu com o pé no chão. Se estivesse armada, uma lâmina pontiaguda deveria aparecer na extremidade traseira da bota. Abanou a cabeça. Suspirei, enraivecida. – Ele parece instruído, não parece? Avaliei a sala e não acho que haja algo que possamos usar como arma... Quer dizer, se estivéssemos desamarradas podíamos usar uma dessas tábuas, mas não nos valem de muito sem mãos. – Olhei para os pregos espalhados. Se alguma daquelas pequenas peças de metal estivesse ao alcance dos nossos pés ainda poderia usá-la para me soltar das algemas, mas assim... – Espera aí!

Shianne mexeu-se com força em resposta à minha exclamação, e o ferro tilintou na parede. Tentei esticar-me o mais que pude para chegar às tábuas no chão. A ponta do meu pé chegava até uma, se me esticasse toda.

Contorcei-me no pequeno espaço livre que tinha para os pulsos e tentei puxar o corpo ainda mais longe. Cerrei os dentes para evitar um grito, ao sentir os ossos forçarem a saída pelo buraco apertado. Quando atingi a madeira, bati com força e duas vigas, juntamente com os pregos, caíram no chão.

Mas nenhum perto de nós.

Perturbado pela comoção, os passos da criatura fizeram-se ouvir pelo armazém abandonado, ecoando nas paredes vazias.

Uma criatura escura e peluda entrou pela abertura na parede. Era, *literalmente*, capaz de provocar pesadelos. De baixa estatura e com umas pernas e braços demasiado gordos para

serem proporcionais à cabeça, a criatura tinha uma aparência mais animal do que humana. Grande parte do rosto estava coberto por escamas grossas, da textura de rochas graníticas, e os olhos vermelhos e esbugalhados incomodariam até mesmo os mais calmos apreciadores de histórias de terror.

A criatura olhou de mim para Shianne, tentando perceber quem tinha provocado o alvoroço. Decidiu-se por mim, e trepou pelas minhas pernas, aproximando um dos seus dígitos de gorila à minha testa.

Inundaram-me imagens da última noite em que vi a minha família, assassinada na nossa sala de estar. Imagens de Liam sujeito às atrocidades mais horríveis; e do lugar a que agora chamava casa reduzido a cinzas. A ilusão de uma dor dilacerante ocupou-me a mente.

Mares eram criaturas impulsionadoras de pesadelos, conhecidas por se sentarem no peito das vítimas, paralisando-as, enquanto as presenteiam com imagens atrozes, aproveitando-se dos seus maiores medos. Até mesmo o próprio nome é oriundo do sufixo de palavras estrangeiras que significam pesadelo: *nightmare, nachtmahr, cauchemar*.

Parte de mim desejava lutar, gritar que a palavra pesadelo não se aplicava a mim e que a língua portuguesa não o temia, mas as imagens de Liam tiravam-me o ar. *Eu não tenho medo, eu não tenho medo, eu não tenho medo*.

Finalmente, a criatura parou. Os lábios descaídos contorce-ram-se num sorriso perturbador e desceu até ao chão.

Quando a criatura abandonou a sala, Shianne exasperou-se: – Gozadas por um macaco! Onde é que já se viu?

Tentei sorrir, mas o meu corpo estava demasiado fraco. Sentia-me tremer por todo o lado e o suor escorria pelas têmporas. Se aquilo era apenas uma demonstração do que Zhao estava a sofrer, entendia agora a razão dos seus gritos.

Shianne voltou ao modo de ação e tentou chegar ao prego mais próximo de si, mas este estava a uns bons cinquenta centímetros da sua posição mais esticada. O que parara mais perto de mim não ficara tão longe, mas mesmo assim não conseguia alcançá-lo, embora quase partisse o pulso ao esticar-me. Se a situação não melhorasse, teria de o arriscar para sair dali. Lutava muito melhor com os ossos intactos, mas entre deixá-la morrer ou tentar, que opção tinha eu?

– Algum plano? – perguntei esperançosa a Shianne.

– Não me apresses. Estou a pensar.

Shianne avaliou o espaço à sua volta e reparou numa tábua à sua frente que, com os pés, aproximou de si. Só quando encostou os pés contra o prego nela espetado é que percebi a sua intenção. Enrolou a corrente das algemas nos pulsos e impulsionou-se para cima com o prego preso entre os pés. A tábua seguiu com ela, mas o prego não se moveu. Repetiu o processo quatro vezes sem resultado. Até que se debateu, furiosa, contra as algemas.

– Calma! Calma – consolei, mesmo estando também frustrada e cada vez mais nervosa.

Zhao voltou a gritar. Ao contrário das outras vezes, aquele grito foi também um alívio, pois estava calada há algum tempo e já receava que não tivesse resistido à tortura do *mare*. Assim, apesar de aquele grito me ter incentivado a mexer mais depressa, pude suspirar e pensar, *está viva!*

Aproximei-me da tábua de Shianne o máximo que o comprimento das minhas algemas me permitia e fiz força contra a madeira.

– Tenta agora puxar para cima.

Shianne voltou a prender o prego e, desta vez, a madeira não foi atrás, mas também não foi o prego. Repetiu mais umas vezes, até exclamar:

– Está a ceder!

Continuou a puxá-lo até a pequena peça metálica a abandonar a madeira, lançando-me um sorriso de orelha a orelha.

– Ok, já tens o prego. E agora, já pensaste como vais usá-lo?
– Olhei para o buraco na parede, nervosa, e quando olhei novamente para Shianne, esta tinha encolhido os pés contra o corpo e estava a aproximar a boca do prego sujo e enferrujado.

O processo foi muito mais lento do que se pudesse utilizar a mão, e agora que Zhao recomeçara a gritar e tínhamos uma oportunidade para escapar, o nervosismo começava a levar a melhor sobre mim.

Por fim, Shianne soltou-se e passou para a outra algema. Minutos depois, estávamos as duas livres.

– Vamos! Mexe-te – apressou-me Shianne, correndo até à saída.

Corremos pelos corredores preenchidos de graffitis e estruturas apodrecidas e enferrujadas. Zhao gritou no lado oposto. Shianne travou tão depressa que parecia ter sido eletrocutada, e começou a correr nessa direção.

Quando chegámos à sala onde a criatura a mantinha, espreitou para o interior, deixando-me ver a seguir.

Zhao estava presa com algemas semelhantes às nossas, mas enquanto nós tivéramos algum espaço de manobra, os braços dela estavam presos um no outro por cima da sua cabeça. Tinha um aspeto exangue e suado, como se toda a energia estivesse a ser sugada do seu corpo. A criatura que a atormentava estava de costas, mas eu ainda tinha a sua aparência bem presente na memória.

Encostei-me de novo contra a parede, ao lado de Shianne, e suspirei.

– Temos de a tirar dali.

– Eu sei. Mas precisamos de afastar aquele monstro

primeiro. Ele já nos apanhou desprevenidas uma vez, não podemos correr o risco de voltar a falhar.

– Sugestões?

– Não – admitiu. – Estava à espera que tu tivesses alguma ideia. – Shianne olhou para o edifício feito de varandas de ferro enferrujado e vários andares, e encostou a cabeça contra a parede. – Oh, que se lixe! Tira-a daqui enquanto eu crio uma distração, leva-a para um sítio seguro e depois volta assim que puderes. Boa sorte!

Falara tão depressa, que eu mal abri a boca para a chamar, e já ela estava a correr e a descer por um dos enormes pilares até ao andar de baixo.

A seguir veio o barulho.

Primeiro, apenas um ruído de algo a bater com força no metal. Escondi-me nas sombras da parede, à espera que o som atraísse a criatura. Quando não aconteceu nada, Shianne criou uma algazarra, batendo repetidas vezes no metal, atirando coisas contra as paredes, e parando depois para ouvir. A criatura saiu finalmente, atrás do som. Só esperava que Shianne se tivesse lembrado de jogar com o eco a seu favor.

Entrei na sala onde Zhao estava presa.

– Lilly! – disse ela num murmúrio fraco.

– Shhh, está tudo bem, eu e a Shianne vamos tirar-te daqui.

Zhao tentou dizer mais qualquer coisa, mas as palavras não lhe saiam. Acabou por desistir e deixar a cabeça pender. Tentei usar o prego para abrir as algemas mais depressa, mas não tinha tanta experiência como Shianne, e demorou muito mais tempo do que gostaria. Já não se ouvia som algum, e esperava que estivesse escondida à espera de ajuda. As grilhetas abriram-se e amparei Zhao quase no chão, quando caiu com força do seu único suporte. Coloquei-lhe um braço à volta da cintura, enquanto prendia o braço dela contra o meu pescoço.

Ela arrastava mais os pés do que andava.

– Vá lá, Zhao. Só mais um bocadinho de energia, depois vamos sair daqui. Anda só um pouco mais depressa. Tu consegues.

Zhao gemeu, mas foi capaz de encontrar algum tipo de energia nas suas reservas, de modo a dar passos mais seguros e tropeçar menos vezes.

Avistei uma parede parcialmente desabada que poderia utilizar como saída. Com cuidado, encaminhei Zhao até ao outro lado do edifício e encostei-a contra a parede. Afaguei-lhe a cabeça – coberta de *martovor*, pedaços de cabelo entrançados e húmidos que os *mares* se entretinham a fazer enquanto sugavam a energia das suas vítimas – tentando fazer com que esta não descaísse. Implorei-lhe que tivesse paciência e prometi voltar depressa para a buscar.

Depois corri lá para dentro.

Havia demasiado silêncio para me sentir confortável. Tanto podia significar que Shianne estava ainda bem escondida, como que já tinha sido encontrada.

De repente, ouvi ruídos de luta e segui na direção do som.

Quando cheguei ao rés do chão do edifício, os cabelos loiros de Shianne eram a única coisa clara no meio de tanta escuridão. Estava debruçada sobre a criatura no chão, a retirar um cano de cobre do corpo do *mare*.

– Uau! Estou impressionada – Shianne virou-se de repente, para me enfrentar de arma empunhada, mas o seu rosto demonstrou o alívio que sentiu ao ver que era apenas eu. – És uma estrela nesta profissão.

Ela sorriu largamente.

– E eu suspeito de mim, com o cano, no armazém.

– Muito engraçadinha, Coronel Mostarda, mas suponho que

te tenhas esquecido de perguntar acerca do Claudius Blanchard e dos Lebrun, não?

– Tinha outras coisas em mente – desculpou-se, olhando para a criatura aos seus pés.

Capítulo Dois

Apesar de ter de pedir permissão a um pé para conseguir mexer o outro e do seu aspeto esquelético e desgastado, Zhao não nos deu muito tempo para recuperar antes de exigir voltar para casa. Esperou apenas uma tarde, antes de nos obrigar a enfiar no carro de volta a *Diabolus Venator*, afirmando que teria muito tempo para recuperar nas longas horas sentada. Era impressionante como depois de uma missão todos desejávamos sempre o mesmo: voltar ao que chamávamos de casa, rodeadas das pessoas que considerávamos agora família.

Ela abriu a porta da entrada, ansiosa por fugir da chuva que fustigava lá fora e encontrar santuário no conforto da casa. Fomos recebidas, ao atravessarmos a soleira da porta, pelos olhares de alguns desconhecidos. Os dois homens, um deles bastante jovem, e duas mulheres, parecendo uma delas ser até mais nova do que eu, estavam na sala. Todos tinham estruturas atléticas, posições rígidas e um sentido de alerta bastante elevado.

Nolan levantou-se ao ver-nos chegar, mas foi Zhao quem me surpreendeu mais, ao deixar cair as chaves no aparador e correr desajeitada até ao rapaz mais novo.

– Mercer! – exclamou, saltando para o abraçar à volta do pescoço. – O que estás aqui a fazer?

Shianne deu uma palmada afetuosa no ombro do rapaz

antes de se sentar junto de Marion e Richard. Eu permaneci parada na entrada e avalei o resto da audiência, todos eles concentrados no grupo como se fosse uma nova atração. Encontrei os olhos de Liam ao pé do piano; ele não sorriu ao ver-me, mas os seus olhos demoraram-se nos meus e, em linguagem de Liam, isso era quase considerado um sorriso.

O rapaz desconhecido largou Zhao e respondeu à pergunta com uma expressão jubilosa:

– Ouvi dizer que têm andado a meter-se em confusões com os vampiros. Não podíamos deixar a diversão toda para vocês.

Diversão? O trabalho que andávamos a ter poderia ser considerado muita coisa, mas “divertido” não constava na lista de sinónimos. Matar criaturas sobrenaturais era o núcleo do nosso trabalho, para o qual tínhamos sido treinados, mas ultimamente tornara-se impossível ter descanso.

Umhas semanas antes, eu e os restantes *venatori* viramo-nos envolvidos numa batalha belicosa com uns quantos vampiros locais, algo que até ao momento fora evitado pois estes encobriam bem as suas atividades, condenando-nos à inatividade por falta de provas. Acabámos por aniquilar dois deles, o que levaram bastante a peito. Agora vivíamos expectantes, com receio da sua próxima jogada, e numa constante luta para descobrir como a antecipar.

Não me importaria tanto se me deixassem dormir até depois das cinco da manhã pelo menos uma vez por semana, se me deixassem comer sentada ou, no mínimo, se pudesse ficar em casa uma semana seguida.

Ada levantou-se de um dos pufes e parou a meu lado, também ela perdida.

– Parecem estar a ver um amigo de longa data. Eu não o conheço, conheces?

Abanei a cabeça.

Não ficámos muito mais tempo na ignorância. Nolan levantou-se e fez magicamente aquilo que lhe era intrínseco: calar a sala apenas com o gesto de levantar-se e indicar o seu desejo de falar. Pobre Richard, se alguma vez algo acontecesse a Nolan, seria um grande encargo estar à altura. Nolan era um líder inato, e apesar de Richard não lhe ficar muito atrás, havia características que não era capaz de reproduzir.

– Eu sei que estamos todos contentes por estarmos novamente reunidos, mas por favor, temos de ter em consideração as nossas recrutas mais novas, que podem ainda não estar familiarizadas com os nossos convidados.

Estava tão habituada a ser o membro mais recente da organização que me esquecia que Ada também era, em muitos casos, tão desconhecedora quanto eu. Afinal, entrara menos de dois anos antes de mim.

Senti uma pontada no estômago ao lembrar-me de Anya, uma recruta que entrara depois de mim e fora a vítima do nosso lado, na luta contra os vampiros. Ela sempre me acompanhara nas novas descobertas da organização.

Nolan apontou para o rapaz chamado Mercer e os restantes convidados.

– Creio que já ouviram falar dos nossos aliados de Silver Lake? – *Lobisomens*. Os lobisomens em Jillian que estavam do nosso lado, juntamente com os vampiros Angoulême.

O quarteto olhou na nossa direção e acenaram em reconhecimento. Assenti com um sorriso. Ada estava ligeiramente mais acanhada e atrás de mim, não por medo, mas nunca apreciara ter os olhares postos nela. Acenou rapidamente e desviou o olhar.

– Acalia – apresentou-se uma rapariga de pele ligeiramente avermelhada e um ar nativo. Possuía uns enormes olhos escuros e arredondados e parecia ser a mais nova de todos eles.

– Connor – apresentou-se o homem mais velho. Tinha porte de alfa e um ar mais selvagem, calculei que fosse ele o líder daquele pequeno grupo. – Espero que a vossa missão tenha corrido sem percalços.

– Ayleth. – Ayleth possui um rosto invulgar, coberto de largas e escuras sardas que se espalhavam por todos os pontos da pele.

– Mercer. – Ele sorriu, novamente sentado na mesa de centro, e levantou a mão em reconhecimento.

– Então vocês é que são os nossos aliados no Norte? – perguntei.

– A não ser que conheças mais alguns lobisomens lá, sim – confirmou Mercer.

Olhei para cada um deles de modo calculador. Mercer parecia ser o lobisomem mais recente, mexia-se de forma irrequieta, não dominando ainda por completo o seu novo e adquirido espírito impulsivo. Acalia, apesar da aparência jovem, parecia ser a mais contida de todos eles. Ayleth e Connor sentavam-se juntos no sofá, a mão dela entrelaçada na do lobisomem alfa.

– O Nolan já vos pôs a par da situação? – indaguei.

– Que Josete Blanchard e Veronica Lebrun estão mortas? – perguntou Connor. – Já.

– Fixe! – exclamou Mercer. – Para uma novata, tu até és porreira. Dois vampiros no mesmo dia.

Sentia-me como se estivesse a ser submetida a uma avaliação e qualquer forma de reagir perante a afirmação fosse errada. Era suposto sentir remorso? Afinal de contas, elas já tinham sido, em tempos, humanas. Ou compaixão? Fui obrigada a matá-las, tal como qualquer outro *venatori* teria feito, mas isso não significava que devíamos sentir prazer nisso.

Mercer, no entanto, parecia estar a sentir prazer na morte das vampiras, mesmo não tendo sido ele a tirar-lhes a vida, uma segunda vez.

– Não o fiz sozinha. E agora nem sei se o devia ter feito de todo.

Liam, que mantivera o olhar distraído ainda que escutasse cada palavra dita, olhou de repente para mim. O olhar era inquisitivo, como se perguntasse o que queria eu dizer com aquilo.

– Parvoíce – disse Connor, sem dúvida a dar voz aos pensamentos de Liam. – Não te posso dizer que não irão morrer pessoas pelo que tu e o Liam Kestner fizeram, mas isto é uma guerra. É inevitável. A única coisa que posso garantir é que, a longo prazo, terás ajudado mais do que alguma vez possas ter feito mal.

– E nós estaremos cá para ajudar – acrescentou Ayleth.

– É sobre isso que gostaria de falar convosco – disse Nolan. – Quero que tenham a certeza absoluta de que é isto que pretendem. Podem ser perdidas vidas dos dois lados.

– Meu amigo – Connor levantou-se e colocou a mão sobre o ombro de Nolan –, a nossa aliança já tem demasiados anos para ser quebrada agora, com medo. Além disso, houve um dia em que vocês foram a família do Mercer. Como a sua família atual, é da nossa responsabilidade ajudar-vos. A família entreajuda-se.

– Já meu – acrescentou Mercer –, achas mesmo que eu ficar escondido enquanto via os meus irmãos a serem massacrados? Sem hipótese.

Nolan pôs a sua mão sobre a de Connor e apertou-a, agradecido.

– Não creio que existam palavras para demonstrar a minha gratidão pela vossa cooperação. *Diabolus Venator* estará para sempre em dívida convosco.

– Também é a nossa pele que estamos a salvar – disse Acalia. – Os Lebrun odeiam-nos tanto quanto a vocês. Vermo-nos livres deles garante a nossa sobrevivência, tanto quanto

a vossa. Além disso, eles irão procurar aliar-se aos lobisomens de Davenport. A mim parece-me uma luta justa.

– Os sanguessugas? – chocou-se Mercer. – Não... um lobisomem nunca se aliará com um morcego.

– São os únicos que se querem ver livres dos caçadores tanto quanto eles – insistiu Acalia.

Connor voltou a sentar-se junto de Ayleth. Mercer e Acalia iniciaram um debate amigável sobre as possíveis alianças que os vampiros formariam e Gabriel juntou-se à discussão pouco depois. Ao meu lado, Nolan aproveitou a distração para falar num tom gentil, mas ainda assim absolutista:

– Liam? Lilly? Posso falar convosco em privado?

Olhei de relance para Liam, sem esconder a minha perplexidade. Ele não parecia tão alarmado quanto eu, mas a sua expressão também não me elucidava quanto ao assunto que levava Nolan a querer falar connosco. Ele levantou-se de forma rígida, sem olhar para os outros e passou por mim sem trocar palavra. Limpei as mãos no tecido das calças e acenei adeus a Ada, quando ela passou a mão pelo meu braço num gesto reconfortante, seguindo-os em direção ao escritório de Nolan.

Não sabia que assuntos levariam Nolan a querer falar a sós comigo e com Liam, a menos que fosse sobre a nossa relação. Em *Venator* não era aconselhável namorar com pessoas dentro da organização, mas também não era proibido, e não me parecia que Nolan nos fosse retirar da sala para nos dar um sermão acerca de assuntos amorosos. Aliás, nem tinha a certeza se Nolan sabia. Nós não tínhamos tornado a nossa relação pública, nem mesmo oficial entre nós.

Nolan abriu a porta e segurou-a para entrarmos, ordenando que nos sentássemos nas cadeiras de carvalho.

Observei o escritório em silêncio, enquanto ele arrumava uma resma de papéis que, claramente, não queria que vissemos;

e reparei no carrinho de minibar, que a maioria dos homens usaria para armazenar bebidas, mas que Nolan usava para empilhar pratos por lavar.

Quando acabou, permaneceu de pé, obrigando-nos a olhar para cima e proferiu numa voz calma:

– Devem estar a perguntar-se porque decidi chamar agora a alcateia de Silver Lake.

Olhei para o Liam, que continuou a encarar o Nolan atentamente, e acenei.

– Eu acho que vocês deviam deixar *Venator* durante algum tempo – admitiu Nolan.

Pestanejei várias vezes antes de responder:

– O quê? Porquê?

Precisaste assim de tanto tempo para pensares numa frase tão complexa?

Nolan ergueu as mãos à frente do peito numa posição defensiva.

– Não é nada que tenham feito de mal. Seria para a vossa própria segurança. E não vos vou forçar a deixarem *Venator*, terá de ser uma decisão vossa. Mas Liam matou Josete Blanchard e tu, Lilly, a líder dos Lebrun. Têm um alvo nas costas e não ficaria admirado se Blanchard e os Lebrun tivessem alguém atrás de vocês.

Olhei para Liam mais uma vez, que continuava em silêncio. A fúria começou a subir-me pelo peito como a bÍlis sobe pela garganta; tinha vontade de me levantar, ir à lareira buscar um dos atÇadores de ferro e dar-lhe com ele na cabeça para ver se finalmente abria a boca.

Respirei fundo.

– Mas para onde iríamos sequer? – perguntei.

– Eu tenho contactos que seriam capazes de vos manter fora do radar, enquanto as coisas não acalmam. Não é a situação

ideal. Não estamos numa posição em que nos possamos de dar ao luxo de perder dois caçadores, ainda para mais dois cujo trabalho valorizo muito. Por isso é que decidi chamar a alcateia de Connor. Precisamos de toda a ajuda que conseguirmos reunir.

Liam escutou os argumentos de Nolan com uma expressão atenta, os ombros eretos e as mãos pousadas nos braços almofadados da cadeira. Quando finalmente falou, cruzou os braços e disse num tom decisivo:

– Eu não vou a lado nenhum. Nós somos caçadores. Nós corremos na direção destas criaturas quando todos fogem. Não vou começar a correr na direção contrária agora e, muito menos, deixar os meus colegas a enfrentar sozinhos uma situação que eu criei. Eu matei a Josete Blanchard porque era o correto a fazer, não me arrependo, mas vou ficar e enfrentar o que fiz.

Anuí em concordância durante todo o seu discurso.

– Pois, eu concordo com o Liam. – Cruzei também os braços. Nolan sorriu e respirou de alívio.

– Não vou mentir e dizer que não era essa a decisão que esperava, ou até mesmo que não fico orgulhoso de vocês, porque fico. Bastante. Precisava apenas de garantir a vossa segurança, mas, se é isso que desejam, não vos vou impedir de lutar ao lado dos vossos colegas. – Nolan pousou as pontas dos dedos na secretária e depois uniu as palmas. – Bem, se estão os dois de acordo, acho que não existe mais nada a reter-nos aqui. Podemos voltar para a sala.

Eu e Liam concordámos.

Liam abriu a porta do escritório e deixou Nolan passar primeiro. Estava preparada para segui-lo, quando Liam me agarrou pelo pulso e me desviou para o lado, puxando por mim até chegarmos a uma zona pouco iluminada e escondida de olhares intrusivos. Antes que tivesse oportunidade de lhe

perguntar o que estava a fazer, ele agarrou o meu rosto e beijou-me com força.

Deixei as minhas preocupações derreterem. Não queria saber de Claudius ou dos Lebrun, do alvo nas nossas costas, ou dos lobisomens na nossa sala. Aquilo era o que desejava fazer o resto da minha vida, e quando ele me largou não pude deixar de me sentir desapontada.

– Senti a tua falta – disse ele num murmúrio, ao beijar-me suavemente a testa.

– Eu também – respondi, quase sem voz.

– Vocês pregaram-nos um valente susto quando se demoraram tanto.

– Estavas preocupado? – perguntei intrigada.

Os dedos de Liam, que dançavam no meu pescoço, travaram enquanto ele olhava seriamente nos meus olhos. Engoli em seco. O olhar dele suavizou-se e deixou escapar um sorriso travesso.

– Contigo? Nunca.

Beijei-o de novo, desta vez um beijo mais suave e rápido. Quando o larguei, virei-me para voltar à sala, mas Liam não me seguiu e fui obrigada a puxar-lhe a manga da camisa.

– Não vens? – perguntei.

Liam tinha uma expressão conflituosa.

– Uma casa cheia de lobisomens agrada-me tanto quanto uma casa cheia de vampiros. – Torceu o nariz.

– Mas eu pensei que um deles fosse vosso amigo. Anda tudo eufórico a gritar o nome do Mercer.

A expressão de Liam voltou a escurecer.

– O Mercer foi um de nós, um *venator*, antes de a Ada chegar. Foi mordido por um lobisomem em noite de lua cheia, quando o grupo dele o estava a tentar caçar. A Zhao e o Richard estavam com ele. – Toquei-lhe no rosto, obrigando-o

a olhar para mim. – Ele não merece morrer pelo destino que lhe calhou. Era uma boa pessoa... ainda é, mas não me agrada ter criaturas destas em nossa casa. Não consigo confiar nos instintos deles.

– Eu entendo. – Era apenas uma meia verdade, não entendia completamente, mas era uma escolha sua que tinha de respeitar.

– Eu só estava à espera para poder ver-te. Precisava de saber se estavas bem.

Naquele momento um remoinho de culpa tomou conta do meu estômago. Seria isto o que nos esperava na nossa relação? Um constante agoniar sobre se o outro voltaria? Estar a contar os segundos até à nossa próxima missão e voltar a arrancar os cabelos de preocupação? Mas tentei afastar esse sentimento. Não importava, não estava preparada para abrir mão de Liam.

– Já me viste – respondi. – Está tudo bem. Não precisas de ficar.